



FOZ DO IGUAÇU COMO TERRITÓRIO RETICULADO: REDES, FRONTEIRAS E DISPUTAS COGNITIVAS NA ERA DA PLATAFORMIZAÇÃO

Zeno Soares Crocetti¹

Resumo: O presente artigo analisa Foz do Iguaçu com base no conceito de território reticulado, articulando sua gênese histórica com as transformações técnico-científico-informacionais que reconfiguram o espaço urbano na contemporaneidade. Partindo da ocupação do oeste paranaense – marcada por missões jesuíticas, ciclos extractivistas e empresas colonizadoras –, o estudo evidencia como a cidade se transforma em um nó logístico e cognitivo na Tríplice Fronteira. A análise incorpora os conceitos de *biopoder* (Foucault), *psicopolítica* (Byung-Chul Han) e *território* (Milton Santos), revelando a sobreposição de camadas materiais e imateriais que constituem novos territórios funcionais mediados por plataformas digitais, redes técnicas e dispositivos de vigilância. O artigo conclui que Foz do Iguaçu condensa os dilemas da urbanização globalizada: desigualdade, controle algorítmico e disputa por visibilidade e cidadania.

Palavras-chave: Território reticulado. Neuroterritorialização. Biopoder. Plataformização. Tríplice fronteira.

FOZ DO IGUAÇU AS A NETWORKED TERRITORY: NETWORKS, BORDERS, AND COGNITIVE DISPUTES IN THE ERA OF PLATFORMIZATION

Abstract: This article analyzes Foz do Iguaçu through the concept of the reticulated territory, articulating its historical genesis with the technical-scientific-informational transformations that reconfigure urban space in contemporary times. Starting from the occupation of western Paraná—marked by Jesuit missions, extractive cycles, and colonizing companies—the study highlights how the city has become a logistical and cognitive node at the Triple Border. The analysis incorporates the concepts of biopower (Foucault), psychopolitics (Byung-Chul Han), and territory (Milton Santos), revealing the overlapping of material and immaterial layers that constitute new functional territories mediated by digital platforms, technical networks, and surveillance devices. The article concludes that Foz do Iguaçu encapsulates the dilemmas of globalized urbanization: inequality, algorithmic control, and the struggle for visibility and citizenship.

Keywords: Reticulated territory. Neuroterritorialization. Biopower. Platformization. Triple border.

FOZ DE IGUAZÚ COMO TERRITORIO RETICULADO: REDES, FRONTERAS Y DISPUTAS COGNITIVAS EN LA ERA DE LA PLATAFORMIZACIÓN

Resumen: Este artículo analiza Foz do Iguaçu a partir del concepto de territorio reticulado, articulando su génesis histórica con las transformaciones técnico-

¹ Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território, Foz do Iguaçu/Paraná/Brasil, geocrocetti@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-0608-5079>

científico-informacionales que reconfiguran el espacio urbano en la contemporaneidad. Partiendo de la ocupación del oeste de Paraná —marcada por misiones jesuíticas, ciclos extractivos y empresas colonizadoras—, el estudio evidencia cómo la ciudad se transforma en un nodo logístico y cognitivo en la Triple Frontera. El análisis incorpora los conceptos de biopoder (Foucault), psicopolítica (Byung-Chul Han) y territorio (Milton Santos), revelando la superposición de capas materiales e inmateriales que constituyen nuevos territorios funcionales mediados por plataformas digitales, redes técnicas y dispositivos de vigilancia. El artículo concluye que Foz do Iguaçu condensa los dilemas de la urbanización globalizada: desigualdad, control algorítmico y disputa por visibilidad y ciudadanía.

Palabras clave: Territorio reticulado. Neuroterritorialización. Biopoder. Plataformización. Triple frontera.

1. Gênese da ocupação da região oeste do Paraná e o território reticulado de Foz do Iguaçu

A região oeste do Paraná, composta por microrregiões como Toledo, Cascavel e Foz do Iguaçu, tem sua ocupação marcada por um processo histórico complexo e diferenciado em relação a outras regiões do estado. Inicialmente habitada por povos indígenas – Xetá, Kaingang e Guarani –, a área foi posteriormente alvo da ação missionária jesuítica espanhola, que organizou reduções religiosas no território, consolidando-o como parte da chamada 5^a Comarca de São Paulo durante o período colonial.

Com a emancipação do Paraná em 1853 e a formação da Província, intensificou-se a chegada de imigrantes europeus – poloneses, ucranianos, alemães e italianos – em busca de terras e novas possibilidades de vida. No entanto, foi entre o final do século XIX e início do XX que se estruturaram os principais vetores da ocupação regional, com destaque para a implantação das *obrages* (grandes áreas concedidas a companhias estrangeiras, especialmente argentinas e inglesas, destinadas à exploração da erva-mate e da madeira). Esse ciclo extrativista foi essencial para a inserção da região nos circuitos econômicos globais, ainda que de forma subordinada e predatória.

Paralelamente, o litígio territorial entre Paraná e Santa Catarina, que deu origem à Guerra do Contestado, e empreendimentos colonizadores como a Maripá (Industrial Madeireira e Colonizadora Rio Paraná) e a Companhia Matte Larangeira² (sic) moldaram a distribuição fundiária e a estrutura produtiva da região. A atuação

² O nome "Larangeira" foi cunhado assim (com "g") em função de que era assim que se escrevia o nome do seu fundador, Thomaz Larangeira.

de empresas estrangeiras e o apoio estatal à migração sulista consolidaram a presença de pequenos e médios proprietários, articulando-se com o avanço da fronteira agrícola e com o modelo de pequena produção mercantil promovido como ideal civilizatório.

Nesse contexto histórico de conflitos fundiários, ciclos econômicos extrativistas e projetos colonizadores, Foz do Iguaçu emerge como um nó geopolítico e logístico de singular importância. Diferentemente das cidades vizinhas, sua gênese se vincula à presença militar na fronteira, à instalação de infraestrutura estratégica como a Usina Hidrelétrica de Itaipu e à crescente integração aos fluxos internacionais, especialmente após a consolidação da Tríplice Fronteira com Argentina e Paraguai.

Essa trajetória confere à cidade as condições para a configuração de um território reticulado, marcado pela articulação de infraestruturas técnico-científicas, redes digitais, fluxos transnacionais e uma crescente plataformização das atividades econômicas. A psicoesfera, como define Milton Santos, revela-se em Foz do Iguaçu por meio dos territórios simbólicos de controle e contestação, em que a cognição, a mobilidade e o capital informacional passam a condicionar as formas de uso e de apropriação do espaço urbano e regional.

Assim, compreender a gênese histórica da região oeste do Paraná é condição essencial para interpretar os sentidos contemporâneos do território de Foz do Iguaçu. A cidade, ao mesmo tempo em que reproduz as desigualdades socioespaciais herdadas de seu passado, torna-se palco de novas dinâmicas globais que redefinem sua centralidade e sua inserção nas redes de poder do mundo contemporâneo.

2. Território reticulado

O conceito de **território reticulado** surge como uma chave interpretativa fundamental para compreender as reconfigurações espaciais que marcam a contemporaneidade. Não se trata de descartar os conceitos clássicos de território – enquanto espaço usado, apropriado e vivido –, mas de reinterpretá-los à luz de uma nova lógica de organização: **a lógica das redes**, que articulam fluxos materiais e imateriais, conectividades e exclusões, velocidades e opacidades.

Trata-se, aqui, da produção local de uma integração solidária, obtida mediante solidariedades horizontais internas, cuja natureza é tanto

econômica, social e cultural como propriamente geográfica. A sobrevivência do conjunto, não importa que os diversos agentes tenham interesses diferentes, depende desse exercício da solidariedade, indispensável ao trabalho e que gera a visibilidade do interesse comum. Tal ação comum não é obrigatoriamente o resultado de pactos explícitos nem de políticas claramente estabelecidas. A própria existência, adaptando-se a situações cujo comando frequentemente escapa aos respectivos atores, acaba por exigir de cada qual um permanente estado de alerta, no sentido de apreender as mudanças e descobrir as soluções indispensáveis. Pode-se dizer que tal situação assegura a permanência de forças centrípetas. Estas, ainda que não sejam determinantes (já que as horizontalidades recebem influxos das verticalidades) são dominantes. Tais forças centrípetas garantem sua sobrevivência pelo fato de que o âmbito de realização dos atores é limitado, confundindo-se todos num espaço geográfico restrito, que é, ao mesmo tempo, a base de sua atuação. (Santos, 2000, p. 106-107)

No excerto citado, o conceito de **forças centrípetas** refere-se à **dinâmica interna que une os diferentes agentes de um território**, promovendo coesão e solidariedade em um espaço geográfico específico. Essas forças são responsáveis por integrar econômica, social e culturalmente os atores locais, garantindo a sobrevivência e a continuidade do grupo, mesmo que existam interesses divergentes entre eles.

Milton Santos explica que essas forças centrípetas não são necessariamente resultado de políticas explícitas ou acordos formais, mas sim de uma adaptação contínua e natural à realidade local. A necessidade de lidar com desafios e transformações exige que os atores mantenham um estado de vigilância e colaboração para encontrar soluções que beneficiem o coletivo. Assim, a atuação dos agentes se dá em um espaço geográfico limitado, onde suas ações e interesses acabam por se entrelaçar.

Essas **forças** são chamadas de **centrípetas** porque **tendem a "puxar"** os **agentes para o centro**, ou seja, **promovem a coesão e a integração dentro de um mesmo espaço**, ao contrário das forças **centrífugas**, que dispersariam os agentes para fora. Embora as forças centrípetas não sejam determinantes devido à influência das chamadas **verticalidades** (fluxos e pressões globais), elas são consideradas dominantes porque são essenciais para manter a identidade e a funcionalidade do espaço local.

Portanto, o conceito **forças centrípetas**, construído por Milton Santos, **reflete a capacidade de um território em manter sua integração e coesão interna por meio de laços e práticas solidárias e adaptativas que transcendem interesses individuais, mesmo em um contexto influenciado por forças externas**. A ideia de **sistema reticular** aparece na obra *Por uma outra globalização*:

do pensamento único à consciência universal, de Milton Santos (2000), em que ele explora como a globalização reorganizou o espaço geográfico, destacando a importância das redes e dos fluxos na configuração dos territórios contemporâneos.

Milton Santos (2000) discute como a circulação de bens, informações e capital cria um território marcado por conexões, onde a lógica das redes influencia mais a organização espacial do que os limites políticos e fronteiras tradicionais. Essa formulação é fundamental para entender a análise crítica que o autor faz sobre o impacto da globalização nos territórios e na vida das pessoas.

Milton Santos abordou como as novas tecnologias e as infraestruturas de transporte e comunicação moldaram um território fragmentado em que a conectividade supera as distâncias geográficas tradicionais. Essa perspectiva é central para entender as dinâmicas do espaço geográfico no contexto contemporâneo, em que as relações econômicas e sociais são pautadas por uma rede de fluxos que interliga diferentes pontos do globo. Com base nessa interpretação venho construindo o conceito de **território reticulado**.

A cidade de **Foz do Iguaçu**, na Tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, representa um caso emblemático dessa nova racionalidade territorial. As infraestruturas materiais – como a Usina de Itaipu, as pontes internacionais, os centros turísticos e comerciais – se articulam com **infraestruturas digitais**, criando uma malha transnacional de fluxos econômicos, simbólicos e informacionais. Essa malha dá origem a um território altamente dinâmico, marcado por **centralidades múltiplas, economias de plataforma, turismo globalizado e virtualização do trabalho**.

Na era da **plataformização da economia**, o trabalho e o consumo não se limitam ao espaço físico. Guias turísticos operam por aplicativos transfronteiriços, entregadores navegam entre moedas e legislações distintas, e pequenos comércios locais se inserem – ou são excluídos – das lógicas algorítmicas que definem a visibilidade e o acesso. A **convergência dos momentos**, como nos propõe Milton Santos (1996), atua de maneira desigual: enquanto a lógica globalizada impõe temporalidades rápidas e normativas, segmentos da população permanecem ancorados em infraestruturas precárias e formas tradicionais de sociabilidade.

Ao mesmo tempo, Foz do Iguaçu é também um laboratório de **psicoesferas moduladas**. A produção de sentido sobre a fronteira – como lugar de fluxo, perigo ou oportunidade – é conduzida por plataformas, *influencers* e sistemas algorítmicos

que **controlam cognitivamente** a percepção sobre o território. A cidade, portanto, se torna objeto de uma **neuroterritorialização**, onde se disputa não apenas o espaço físico, mas a própria consciência dos sujeitos sobre o que é “real” ou “possível” na fronteira.

As **infraestruturas digitais** ganham protagonismo nesse novo regime territorial: as conexões de fibra óptica que cruzam fronteiras, os centros de dados que hospedam serviços e as interfaces das plataformas digitais moldam não apenas o funcionamento econômico da região, mas também a maneira como os sujeitos vivem, percebem e interagem com o espaço. A **hierarquização dos nós** na rede global coloca Foz do Iguaçu em uma posição intermediária: não é um centro global, mas tampouco é periferia absoluta. É um nó estratégico de fluxos que são, ao mesmo tempo, locais e transnacionais.

A **convergência dos momentos**, conceito que sintetiza a simultaneidade de diferentes temporalidades e racionalidades em um mesmo espaço, é evidenciada na superposição de atividades como o turismo globalizado, o contrabando informal, o comércio *duty-free*, a presença militarizada e as relações cotidianas de populações que cruzam fronteiras diariamente para trabalhar, estudar ou consumir. Essa simultaneidade, longe de gerar uma harmonia funcional, intensifica as contradições do território.

A **psicoesfera** da região é atravessada por representações ambíguas: de um lado, o imaginário da natureza exuberante e do turismo sofisticado; de outro, a construção midiática de uma fronteira perigosa, associada ao crime organizado e ao terrorismo. Essa ambivalência é instrumentalizada por mídias digitais, *influencers* e algoritmos que **modulam a percepção coletiva** sobre o lugar, orientando tanto investimentos quanto medos. A fronteira torna-se, assim, um espaço de disputa cognitiva, onde a **neuroterritorialização** ganha forma: é o controle dos afetos, desejos e percepções através das redes digitais, operando sobre a consciência dos sujeitos.

A **economia da informação** se manifesta por meio de circuitos que atravessam a fronteira: plataformas de serviço, comércio eletrônico informal, remessas digitais, serviços de *streaming* e educação *online*. Essas atividades virtualizadas estão parcialmente ancoradas no espaço físico, mas transcendem os limites territoriais estatais, conformando uma nova lógica de territorialidade.

Contudo, o território reticulado não se apresenta de forma homogênea ou pacificada. Existem **territórios simbólicos de contestação**, expressos em movimentos sociais, iniciativas de turismo comunitário, coletivos culturais, redes de migrantes e resistências à plataformização predatória. Essas formas de apropriação e uso do território demonstram que, apesar da dominação das redes hegemônicas, há fissuras, brechas e possibilidades de contraúso, onde se projetam outras rationalidades territoriais.

Foz do Iguaçu, portanto, não é apenas um espaço de fronteira entre três países: é um laboratório da geografia contemporânea, onde se expressam de forma aguda as dinâmicas do território reticulado. Compreender essas camadas materiais, digitais, cognitivas e simbólicas é fundamental para pensar políticas públicas, formas de resistência e modelos alternativos de desenvolvimento regional no século XXI.

3. Fundamentação teórica

A formulação do conceito de **território reticulado** inscreve-se no esforço da geografia contemporânea de compreender as novas formas de organização espacial impulsionadas pela intensificação das redes técnicas, informacionais e cognitivas. Trata-se de uma categoria que articula diferentes camadas do espaço – material, digital e simbólica – em um sistema interconectado e dinâmico, onde as relações espaciais deixam de se organizar exclusivamente por contiguidade territorial e passam a depender da inserção desigual dos lugares em redes globais de fluxos.

Milton Santos (1996), ao conceber o território como espaço usado e como **meio técnico-científico-informacional**, oferece uma das bases fundamentais para essa compreensão. O território é definido não apenas por sua dimensão física ou política, mas pelo conjunto de técnicas, normas e informações que o tornam operável. A categoria de **convergência dos momentos** – natural, técnico e econômico – revela que o espaço é resultado da coexistência de múltiplas temporalidades e rationalidades. No contexto contemporâneo, essa convergência se dá sob a hegemonia da informação e da técnica, reconfigurando o território como uma trama de redes articuladas seletivamente, onde a velocidade, a conexão e a simultaneidade produzem novas desigualdades socioespaciais.

A esse aporte soma-se a contribuição de Manuel Castells (1999), ao delinear a transição para a **sociedade em rede**, onde o espaço flui segundo lógicas de conectividade informacional. Os territórios tornam-se nodos interdependentes de um

sistema global de fluxos, e a centralidade não decorre mais apenas de localização geográfica, mas da capacidade de processamento, distribuição e controle de informação. A rede, portanto, não é apenas um instrumento, mas uma nova forma de espacialidade – descontínua, rizomática, seletiva.

Rogério Haesbaert (2004), ao discutir as **múltiplas territorialidades** e o mito da desterritorialização, contribui para pensar o território reticulado como um espaço de constante **reterritorialização**, onde os vínculos com o lugar são reconfigurados por meio de conexões transescalarizadas e por territorialidades em disputa – institucionais, econômicas, culturais e digitais. Isso é particularmente evidente em regiões de fronteira, onde os territórios se sobrepõem, coexistem e colidem.

Stephen Graham e Simon Marvin (2001) reforçam essa perspectiva ao analisar como as **infraestruturas técnicas, digitais e logísticas** fragmentam o espaço urbano em zonas de hiperconectividade e de exclusão. Em sua leitura do urbanismo fragmentado, os autores revelam como o acesso desigual às redes técnicas aprofunda os processos de segregação espacial, criando arquipélagos de conectividade seletiva em meio a vastas áreas de desconexão.

3.1 Biopoder, vigilância e psicopolítica

Michel Foucault (1979) descreveu o biopoder como uma forma de gestão da vida, operando sobre os corpos e as populações. Em Foz do Iguaçu, práticas de controle migratório, vigilância eletrônica, identificação biométrica e gestão de riscos ilustram como o território é governado por tecnologias que vão além da soberania estatal clássica.

A dimensão subjetiva e cognitiva do território reticulado encontra respaldo em autores como Byung-Chul Han (2018) e Fernanda Bruno (2013), que exploram as formas contemporâneas de controle que se instauram a partir da **vigilância digital**, da exposição voluntária e da **manipulação algorítmica das emoções e percepções**. A noção de psicopolítica permite pensar como os territórios hoje também são produzidos e disputados no plano da sensibilidade, da atenção e da afetividade, inaugurando o que podemos chamar de **neuroterritorialização** – a territorialização da mente e dos afetos mediada pelas redes digitais.

Desse modo, o **território reticulado** pode ser definido como uma configuração espacial contemporânea, marcada pela imbricação entre **redes materiais** (infraestruturas físicas e técnicas), **redes imateriais** (informação, fluxos simbólicos e financeiros) e **redes cognitivas** (percepção, subjetividade e controle afetivo). Essa categoria oferece uma chave de leitura para compreender como os lugares se tornam funcionais ou marginais dentro do sistema-mundo contemporâneo, a depender de seu grau de conectividade, visibilidade e controle informacional.

Aplicado ao contexto da Tríplice Fronteira, o território reticulado revela como Foz do Iguaçu é constituída por múltiplas redes transnacionais que operam sobre o espaço, reconfigurando práticas econômicas, relações sociais, formas de subjetivação e dispositivos de poder. Essa perspectiva possibilita uma análise que articula infraestruturas, fluxos, algoritmos, imaginários e resistências, contribuindo para a construção de uma geografia crítica e sensível aos novos modos de produção do território.

A **cidade** opera como um **nó logístico e simbólico**, articulando infraestruturas materiais como a Usina Hidrelétrica de Itaipu, as pontes internacionais e os centros de compras e turismo com redes imateriais que atravessam a região, como plataformas digitais de serviços, aplicações de transporte e hospedagem, redes de influenciadores transfronteiriços e sistemas de vigilância digital. Essa interconexão produz um espaço funcionalmente articulado por redes que não se limitam à soberania de um Estado, operando em um **território compartilhado**, dinâmico e instável.

Foz do Iguaçu se insere, assim, no que Milton Santos chamaria de “meio técnico-científico-informacional”, onde as técnicas modernas são condicionadas por sistemas de informação e de comunicação, e onde a **“convergência dos momentos”** se manifesta de forma desigual. A coexistência de uma usina de padrão mundial, de redes globais de turismo e de trabalho informal transfronteiriço revela a pluralidade temporal e espacial da cidade. A velocidade dos fluxos digitais colide com a lentidão dos trâmites burocráticos e da precariedade de acesso para parcelas da população, produzindo novas formas de exclusão e desigualdade socioespacial.

No contexto da Tríplice Fronteira, as infraestruturas digitais operam como dispositivos seletivos que condicionam a forma de inserção de grupos sociais nos circuitos informacionais. O acesso desigual às conexões de fibra óptica, às

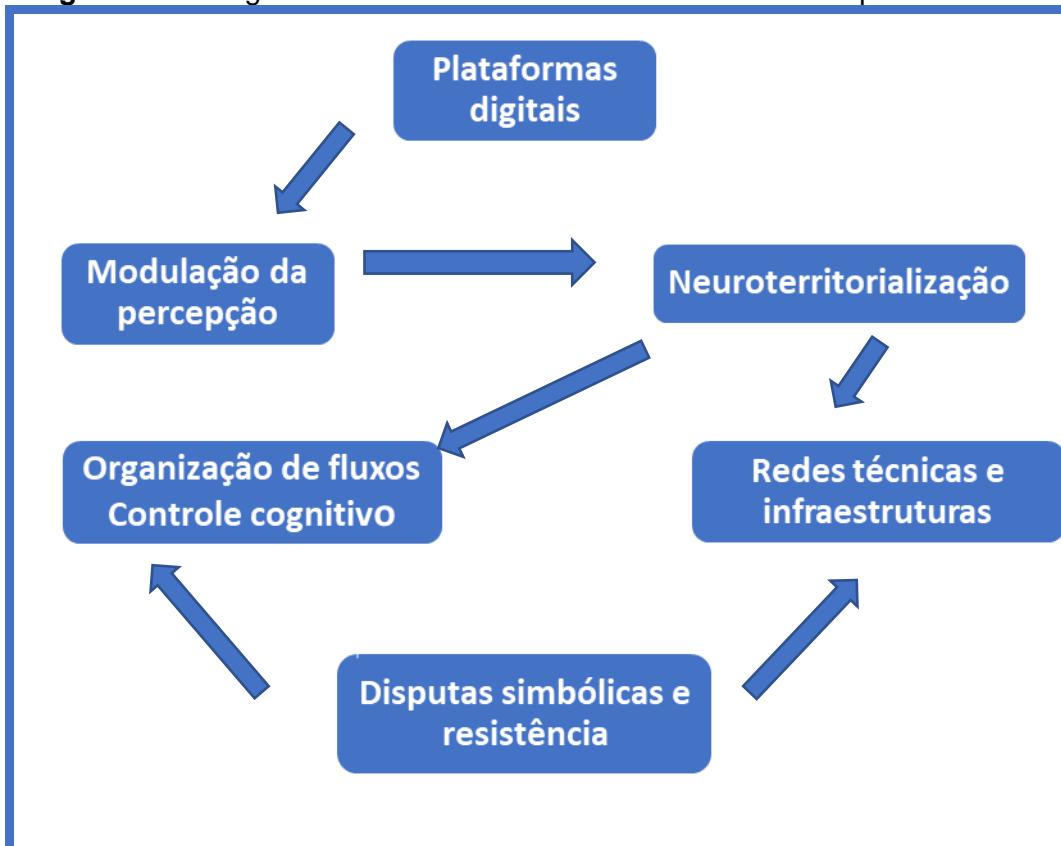
plataformas de serviços e às redes de dados cria uma paisagem urbana fragmentada, onde áreas altamente conectadas coexistem com zonas de exclusão digital. Essa lógica reforça hierarquias espaciais e modula formas de vida por meio de algoritmos que regulam acesso, visibilidade e valor dos sujeitos e territórios. Nesse cenário, a mobilidade e o pertencimento tornam-se categorias mediadas pelo controle informacional, inserindo Foz do Iguaçu na ambivalente condição de nó estratégico e periferia funcional do sistema reticulado global.

Quadro 1 – Elementos do Território Reticulado em Foz do Iguaçu

Dimensão	Características em Foz do Iguaçu
Infraestruturas digitais	Redes de fibra óptica, plataformas de transporte, vigilância eletrônica transfronteiriça
Centralidade dos nós	Nó estratégico entre Brasil, Paraguai e Argentina, com turismo global e circuitos comerciais
Convergência dos momentos	Turismo, contrabando, militarização e economia digital coexistem no mesmo espaço
Psicoesfera e neuroterritório	Imaginário da fronteira violenta vs. paraíso natural, disputas por visibilidade e atenção
Circuitos informacionais	Comércio eletrônico informal, remessas digitais, redes de serviços e dados transnacionais

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Figura 1 - Fluxograma – Dinâmica do território reticulado na Tríplice Fronteira



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Essa estrutura explicita a interdependência entre os elementos técnicos, subjetivos e simbólicos que compõem a espacialidade de Foz do Iguaçu como território reticulado.

4. Centralidade da convergência dos momentos e fluxos transnacionais e reticularização da fronteira

O Plano Diretor de Foz do Iguaçu menciona a importância crescente de setores como turismo, comércio e serviços, que estão altamente integrados em redes digitais. A cidade é inserida em plataformas de reserva global (exemplo: Booking, Airbnb, TripAdvisor), o que reflete a centralidade das infraestruturas digitais e a convergência dos momentos informacionais e financeiros. A presença de “espaços de inovação” também é referida, com destaque para o Parque Tecnológico Itaipu (PTI), que atua como polo de desenvolvimento científico e tecnológico vinculado às redes de conhecimento e à plataformização da economia.

Foz do Iguaçu é atravessada por intensos fluxos transnacionais – de turistas, mercadorias e capitais –, articulando-se com Puerto Iguazú (Argentina) e Ciudad del Este (Paraguai) num espaço trinacional de intercâmbio, mas também de assimetrias. O Plano Diretor reconhece que esses fluxos “impactam diretamente a dinâmica econômica e territorial do município”, e menciona a atuação de “redes comerciais formais e informais”, o que evidencia a reticularidade e a fragmentação das regulações estatais sobre o território.

A atuação da Itaipu Binacional junto ao Parque Tecnológico Itaipu mostra como certos nós do território operam como centros de comando e controle, vinculando inovação, pesquisa e processos de formação de subjetividades voltadas à “sustentabilidade”, à “inteligência territorial” e à “transformação digital”. Há também a ênfase em “cidades inteligentes” e “monitoramento de dados urbanos”, sugerindo práticas de neuroterritorialização via *big data* e plataformas algorítmicas.

O turismo é como um “ativo estratégico” que molda a imagem internacional da cidade. Os atrativos naturais (Cataratas, Itaipu) são articulados a discursos de sustentabilidade e progresso, compondo uma psicoesfera institucionalizada, que também funciona como território simbólico para atração de investimentos. No

entanto, essa imagem contrasta com desigualdades socioespaciais internas e com formas de resistência e informalidade urbana invisibilizadas nas políticas oficiais.

A configuração do território reticulado em Foz do Iguaçu deve ser compreendida como resultado da convergência de múltiplas camadas – técnicas, sociais, econômicas e simbólicas – que se articulam por meio de redes e fluxos. A noção de “sistema reticular”, tal como abordada por Milton Santos, refere-se à constituição de uma malha espacial em que os pontos (nós) conectados por vetores (fluxos) operam seletivamente, produzindo desigualdades e centralidades em múltiplas escalas.

Em Foz do Iguaçu, essa reticulação é visível desde a materialidade de suas infraestruturas logísticas e técnicas até os circuitos da economia da informação e da cultura. A presença da Usina Hidrelétrica de Itaipu, enquanto obra monumental de engenharia, é mais do que um equipamento produtivo: ela constitui um vetor estruturante da urbanização e da inserção da cidade em redes energéticas e geopolíticas continentais.

Complementarmente, o Porto Seco de Foz do Iguaçu, enquanto entreposto aduaneiro conectado ao Corredor Bioceânico de Capricórnio, posiciona a cidade como nó estratégico entre o Brasil e os mercados do Pacífico sul-americano, intensificando a interdependência logística transnacional.

4.1 Porto Seco de Foz do Iguaçu no Território Reticulado e o Corredor Bioceânico de Capricórnio

1. Crescimento da movimentação comercial

- **2023:** Movimentação total de **US\$ 6,7 bilhões**, com **176.090 caminhões** liberados.
 - Exportações: US\$ 3,9 bilhões
 - Importações: US\$ 2,7 bilhões
- **2024:** Movimentação total de **US\$ 8,6 bilhões**, com **196.599 caminhões** liberados.
 - Exportações: US\$ 4,23 bilhões
 - Importações: US\$ 4,36 bilhões

2. Distribuição do fluxo de caminhões por país (2024)

- **Paraguai:**
 - Exportação: 73.809 caminhões

- Importação: 77.914 caminhões
- Total: 151.723 caminhões (77,17% do total)
- **Argentina:**
 - Exportação: 9.234 caminhões
 - Importação: 35.642 caminhões
 - Total: 44.876 caminhões (22,82% do total)

3. Principais mercadorias movimentadas

- **Exportações:**
 - Para o **Paraguai**: cimento, fertilizantes, adubos e maquinários agrícolas.
 - Para a **Argentina**: veículos automotivos, peças e madeira.
- **Importações:**
 - Do **Paraguai**: grãos (arroz, trigo, milho, soja), carne, aparas de ferro e produtos têxteis.
 - Da **Argentina**: peixes, frutas, alho, azeitonas, feijão, farinha de trigo e celulose.

4. Evolução socioespacial e integração regional

Infraestrutura estratégica: o Porto Seco de Foz do Iguaçu consolidou-se como um **nó logístico crucial** no território reticulado da Tríplice Fronteira, facilitando a integração econômica entre Brasil, Paraguai e Argentina.

Corredor bioceânico de Capicórnio: a implementação desse corredor fortalece a posição de Foz do Iguaçu como ponto estratégico na conexão entre os oceanos Atlântico e Pacífico, promovendo o desenvolvimento regional e a inserção nos fluxos comerciais transcontinentais.

Esses dados destacam a relevância crescente do Porto Seco de Foz do Iguaçu na dinâmica do comércio internacional e sua função como elemento central no território reticulado da Tríplice Fronteira, especialmente com a potencialização advinda do Corredor Bioceânico de Capicórnio.

Essas infraestruturas alimentam os fluxos materiais – de mercadorias, pessoas, capitais e resíduos – e os fluxos imateriais – de dados, informações, imagens e decisões –, que atravessam a cidade em alta velocidade, colocando-a em sintonia com o “meio técnico-científico-informacional” descrito por Milton Santos (1996). Nesse cenário, a mobilidade deixa de ser apenas um fenômeno físico e passa a ser uma variável política e cognitiva, operando seletivamente sobre corpos e

territórios, ao passo que acentua os contrastes entre áreas integradas e áreas relegadas da urbanização.

A plataformização da economia é outra camada decisiva na configuração do território reticulado. Aplicativos de transporte, entregas, turismo e serviços financeiros reorganizam o cotidiano urbano a partir de algoritmos que articulam oferta e demanda em tempo real, muitas vezes sem intermediação territorial direta. Essa virtualização do trabalho cria novos territórios funcionais que se sobrepõem às formas tradicionais de organização espacial, introduzindo o que pode ser chamado de neuroterritorialização: formas de controle territorial que operam pela gestão da atenção, do desejo e do comportamento dos indivíduos.

Nesse contexto, a psicoesfera – dimensão subjetiva e simbólica do território – torna-se central para compreender os modos de apropriação da cidade. Em Foz do Iguaçu, a coexistência de identidades nacionais, linguísticas e religiosas distintas na Tríplice Fronteira cria uma ambiência carregada de significados múltiplos e disputados, que é tanto um campo de resistência quanto um objeto de controle. As tecnologias de vigilância, os sistemas de crédito, os aplicativos de mobilidade e até mesmo os discursos midiáticos configuram territórios cognitivos nos quais a produção do espaço se dá pela manipulação da percepção e da memória.

Finalmente, o território reticulado de Foz do Iguaçu se revela como palco de uma profunda desigualdade socioespacial, em que a convergência dos momentos – trabalho, moradia, circulação e lazer – se realiza de maneira seletiva. Enquanto alguns grupos acessam a plena articulação dos circuitos superiores da economia, outros permanecem presos à precariedade das margens, inseridos apenas nos circuitos inferiores ou mesmo excluídos das redes principais. Essa dualidade, já apontada por Ignácio Rangel (1981) na história brasileira, manifesta-se aqui em novas formas, agora mediadas pela técnica, pela informação e pelo capital globalizado.

Assim, Foz do Iguaçu encarna, em sua materialidade e simbolismo, as contradições de um território cada vez mais estruturado por redes, plataformas e dispositivos de controle, cuja compreensão exige um olhar que interligue *história, técnica e política* – e, sobretudo, que reconheça os sujeitos e os conflitos que seguem dando sentido à sua espacialidade.

4.2 Síntese

1. Análise interpretativa – Foz do Iguaçu como território reticulado

- a) Infraestruturas digitais e materialidade da rede:** cabos, plataformas de hospedagem, comércio eletrônico, câmeras de vigilância, antenas 5G transfronteiriças.
- b) Centralidade dos nós:** Itaipu, Ponte da Amizade, redes turísticas e comerciais. A Tríplice Fronteira como nó estratégico de fluxos globais.
- c) Velocidade e convergência dos momentos:** convivência simultânea de temporalidades – turismo global, informalidade local, contrabando, fluxos digitais e de criptomoedas.
- d) Psicoesfera e controle cognitivo:** produção de imaginários sobre a fronteira (turismo, crime, globalização), operados por mídias e plataformas.
- e) Circuitos da economia da informação:** plataformas de *delivery*, hospedagem, *influencers* transfronteiriços, trabalhadores *gig* (a economia *gig* é caracterizada por contratos de curto prazo ou *freelancers*), educação à distância – territorialidade virtualizada.

2. Territórios híbridos e neuroterritorialização

Como as redes digitais criam um território compartilhado, mas fragmentado.

Disputas simbólicas e territórios de resistência: movimentos sociais, coletivos fronteiriços, redes alternativas de informação e cultura.

Intervenções nos territórios cognitivos: manipulação da percepção, *fake news* regionais, controle de narrativas em plataformas.

Considerações finais

A análise de Foz do Iguaçu sob a ótica do território reticulado revela um panorama complexo, no qual redes técnicas, cognitivas e simbólicas convergem para reconfigurar o espaço urbano e regional de maneira profundamente desigual. A Tríplice Fronteira se mostra como laboratório das transformações contemporâneas do território: ali coexistem tecnologias de ponta e práticas tradicionais, plataformas digitais e informalidade, conectividade global e exclusão local.

A plataformação da economia, ao mesmo tempo em que dinamiza setores como turismo, comércio e serviços transfronteiriços, também impõe uma lógica de centralização e extração de valor que tende a marginalizar populações que não se inserem nas redes dominantes. A virtualização do trabalho e dos serviços acentua

ainda mais a dependência das infraestruturas digitais, cuja distribuição desigual molda formas assimétricas de apropriação do território.

Nesse contexto, o território deixa de ser apenas um suporte e torna-se um agente ativo da reprodução das desigualdades e das possibilidades de resistência. As disputas pelo imaginário, pela atenção e pela visibilidade – dimensões centrais da psicoesfera e da neuroterritorialização – evidenciam que os conflitos contemporâneos transcendem o campo material e se travam também no campo simbólico.

Contudo, mesmo sob a hegemonia das redes e algoritmos, emergem fissuras, resistências e contraússos do território. Iniciativas locais que promovem o turismo de base comunitária, a cultura de fronteira, a mobilização transfronteiriça e os coletivos digitais alternativos mostram que é possível rearticular o espaço a partir de outras racionalidades.

Reconhecer Foz do Iguaçu como território reticulado não significa apenas mapear as redes que a estruturam, mas também compreender os conflitos, as tensões e as potências que emergem de sua posição estratégica na encruzilhada entre fluxos, afetos e soberanias. Essa perspectiva convida à formulação de políticas públicas sensíveis à complexidade territorial e à multiplicidade de escalas e sujeitos que produzem o espaço.

REFERÊNCIAS

ALBRIGHT, Madeleine. **Fascismo**: um alerta. São Paulo: Planeta, 2018.

ALVES, Ivan. **O Contestado** – Estados, posseiros, companhias: todos brigam pela terra. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1982 (Coleção Os Grandes Enigmas de Nossa História).
AMIM, Samir. **O desenvolvimento desigual**: ensaio sobre as formações sociais do capitalismo periférico. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **A desordem mundial**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra Modernidade. São Paulo: Editora 34, 2010.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser**: vigilância, tecnologia e subjetividade. São Paulo: Ed. da UFMG, 2013.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Fronteiras culturais e globalização**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHOMSKY, Noam. **Quem manda no mundo?** 7. ed. São Paulo: Planeta, 2022.

CROCETTI, Zeno Soares. **Formação socioespacial do Paraná.** (Tese de Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC. Florianópolis, 2011.

CROCETTI, Zeno Soares **A crise do capital e o uso do território.** Curitiba: Letra das Artes, 2019.

CROCETTI, Zeno Soares. Desglobalização e crise econômica (o Covid-19 e o futuro da América Latina). **Ciência Geográfica**, Bauru, ano XXV, v. XXV, n. 3, jan.-dez. 2021.

CROCETTI, Zeno Soares. O jogo da direita e a nova geografia do capitalismo. **Ciência Geográfica**, Bauru, ano XXVII, v. XXVII, n. 4, jan.-dez. 2023.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos.** São Paulo: Vestígio, 2020.

ESCOBAR, Pepe. China locked in hybrid war with US. **Asia Times**, 17 mar. 2020(a). Disponível em: <<https://asiatimes.com/2020/03/china-locked-in-hybrid-war-with-us/>>. Acesso em: 30 abr. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

GRAHAM, Stephen; MARVIN, Simon. **Splintering urbanism:** networked infrastructures, technological mobilities and the urban condition. London: Routledge, 2001.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica:** o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

HARDMAN, Francisco Foot. **Trem Fantasma** – Ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

JOHNSON, Chalmers. **As aflições do Império.** Rio de Janeiro: Record, 2007.

KAPLAN, Robert D. **A vingança da Geografia.** Rio de Janeiro: Campus, 2013.

KISSINGER, Henry. **Ordem mundial.** São Paulo: Objetiva, 2015.

KISSINGER, Henry. **Sobre a China.** São Paulo: Objetiva, 2011.

KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KOOPMANS, Ruud; STATHAM, Paul (eds.) **Challenging Immigration and Ethnic Relations Politics:** Comparative European Perspectives. Oxford: Oxford University Press, 2000.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas:** das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LACOSTE, Yves. **Pesquisa de trabalho de campo.** In: SELEÇÃO de Textos AGB n. 11. São Paulo: AGB, 1985. p. 1-23.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LOSURDO, Domenico. **A linguagem do Império**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MAMIGONIAN, Armen. A geografia e “A formação social como teoria e como método”. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de (org.). **O mundo do cidadão** – Um cidadão do mundo. São Paulo: Hucitec, 1998.

MAMIGONIAN, Armen. **Ciclos econômicos e organização do espaço**. Florianópolis: EDUFSC, 1998.

PEREGALLI, Alessandro et al. **20 anos da IIRSA na América do Sul**: quem está comemorando agora? São Paulo: Le Monde Diplo Brasil, 2020.

PERKINS, John. **Confissões de um assassino econômico**. São Paulo: Cultrix, 2005.

PERKINS, John. **Novas confissões de um assassino econômico**. São Paulo: Cultrix, 2018.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RANGEL, Ignácio. História da dualidade brasileira. **Revista de Economia Política**, v. 10, n. 4, out./dez., 1981.

RICHELSON, Jeffrey T. **The Wizards of Langley**: inside the Cia's Directorate of Science and Technology. New York: Westview Press, 2001.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **Vida material, vida econômica**. Curitiba: SEED, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Economia espacial**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SASSEN, Saskia. **Expulsões**: brutalidade e complexidade na economia global. São Paulo: Paz & Terra, 2016.

SLOBODIAN, Quinn; MIROWSKI, Philip. **Nine lives of Neoliberalism** (Sete vidas do Neoliberalismo). Londres: Verso, 2020.

SMITH, John. **Imperialism in the Twenty-First Century**. EUA: Monthly Review Press, 2016.

TRICART, Jean. O campo na dialética da geografia. In: DRESCH, Jean et al. **Reflexões sobre a Geografia**. São Paulo: AGB, 1980. p. 53-80.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Obrágeros, mensus e colonos**. 2. ed. Curitiba: Vicentina, 1987.

WESTEN, Drew. **Cérebro político** – o papel da emoção na decisão do destino da nação. São Paulo: Unianchieta, 2008.

WESTPHALEN, Cecilia; MACHADO, Brasil P.; BALHANA, Altiva P. Ocupação do Paraná. **Cadernos de Migração**, São Paulo, v. 3, p. 4-43, 1988.

WOOD, Ellen Meiksins. **Império do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2014.

NOTAS DE AUTOR

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Zeno Soares Crocetti - Concepção, Coleta de dados, Análise de dados, Elaboração do manuscrito, revisão e aprovação da versão final do trabalho

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em: 04-06-2025

Aprovado em: 30-07-2025